



Pedro
Henriques

Safari

Curadoria de Natxo Checa

Era o primeiro de Maio e quando entrei no restaurante, ligeiramente atrasado, encontrei sentados à mesa o Natxo, o Pedro Henriques, a Anne Lefebvre e, para meu espanto, o Miguel Rondon. Ou assim me pareceu. Segundo me explicou o Natxo, não se tratava do Miguel Rondon, o artista, mas de um dos seus treze primos, o Valentim, de entre todos o mais parecido com ele. Para mim, poderiam ser gémeos: a sua postura ligeiramente encurvada como quem passou demasiadas horas debruçado sobre a folha de papel, os olhos azuis vivos e irrequietos e um permanente esboço de sorriso nos lábios. Pedi desculpa por tê-lo confundido com o Miguel e ele respondeu que enquanto vivera em Lisboa este tipo de confusão era um ritual diário. Enquanto tomava um lugar ao lado do Pedro, ouvi o Natxo explicar que o Valentim tinha acabado de regressar da Califórnia, para onde se mudara para estudar na UCLA, em meados dos anos 1990. Ao que parece, uma obsessão pela obra do Carlos Castaneda - o famigerado antropólogo, discípulo de um brujo Yaqui, que, no final dos anos 1960, alcançou fama com uma tese sobre a utilização de plantas alucinogénias por parte dos povos uto-aztecas - havia levado Valentim a uma vida de transe constante, uma espécie de mega-trip assistida pelos desertos meso-americanos à procura da transcendência.

Segundo o Natxo, por muito que fossem fisicamente idênticos, a vida do Valentim e do seu primo artista eram radicalmente distintas, facto que originou fortes objecções por parte de Valentim: "Como assim, diferente? Não vejo diferença nenhuma! Para mim, estamos ambos à procura. Parece-me que a única diferença está no facto de usarmos métodos distintos para procurar respostas a uma mesma inquietação. Eu vejo a prática artística, ou, pelo menos, parte dela, como a criação de um

contexto de experiência que permita, primeiro ao artista e depois ao espectador, aceder a um nível de consciência que lhe ofereça um vislumbre da verdade líquida que corre por detrás da fixidez do mundo.” (Pffff!) Pedi uma tiborna de bacalhau enquanto ponderava sobre como responderia o Pedro à afirmação do Valentim. Pelo meu lado, as suas obras pareciam-me surgir sempre de uma inquietação face ao modo como a evolução das tecnologias e das ciências duras – esse suposto Némesis da espiritualidade – se manifestava no mundo material. Como que numa tomada de território gradual, mas constante, estes discretos assaltos à realidade física vão-se dando a ver em objectos e contextos que o Pedro tem vindo a incorporar paulatinamente no seu trabalho, sempre numa perspectiva diacrítica.

O título da sua primeira exposição individual, Diagrama e Deslize, de 2013, sintetizava bem este seu interesse. Imagens de grelhas e diagramas, impregnadas de rigor geométrico e de vocação informativa, eram por ele sujeitas a processos de distorção, a deslizes forçados, que as transformavam em signos de um encontro paradoxal: a precisão geométrica a ser obrigada, por via digital, a uma deformação orgânica, como se vectores de uma força quente tivessem liquefeito essas representações.

Tirando proveito de texturas de diferentes superfícies industriais, os resultados nesse período eram uma espécie de miragem – esse efeito de refração ilusória que faz aparecer vislumbres de objectos invertidos na percepção. Os últimos cinco anos foram investidos na exploração de diferentes interstícios: daquele que se encontra entre a figuração e a abstracção nasceram peças ambíguas, onde alusões à forma de objectos ou partes de corpos (patas de cavalo, óculos escuros, mesas de mistura...) se dissolviam em estruturas angulosas, algumas das quais

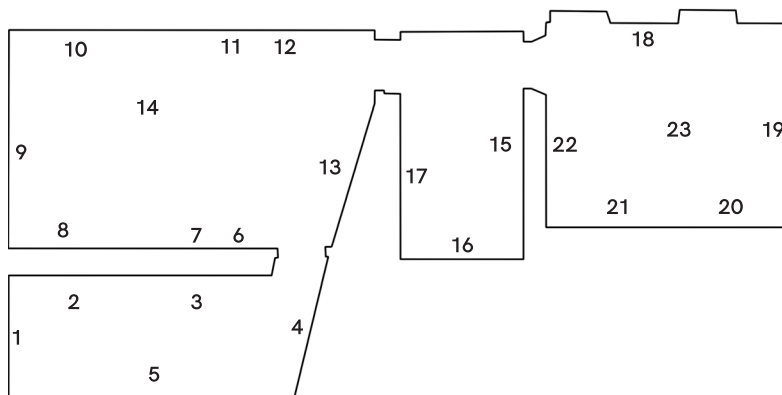
autoportantes; daqueloutro interstício que ocupa o espaço entre o analógico e o digital despontaram imagens que simulavam ter sido alvo de um qualquer bug no processamento do seu código binário, criando disrupções visuais, repetições e desarranjos num quadro tornado perturbador; finalmente, dos interstícios entre o opaco e o translúcido, o orgânico e o regular, a pintura e a escultura, formou-se um espólio de peças que fazem da manipulação experimental das suas características materiais e simbólicas o método dilecto da sua constituição, e que tem nas peças que o Pedro criou para a zdb a sua mais recente expressão.

Para meu espanto, a perspectiva do Pedro não se afastava tanto quanto tinha previsto da afirmação do Valentim. "Transcendência e arte... parecem-me tudo faces do mesmo prisma em rotação," notou o Pedro. "Em todo o caso, as minhas peças nascem naturalmente de uma procura - mais propriamente do facto de me colocar voluntariamente num contexto em que não estou confortável no que estou a fazer." E eu ponderava no poder desse desconforto, no modo como ele força o reequacionar de processos e soluções e se presta ao surgimento da surpresa e da descoberta. Pensava no modo como esta exposição deixava clara, para mim, a intenção do Pedro em propor uma espécie de síntese entre a escultura, a pintura e a expressão gráfica - uma síntese filtrada por uma lente veloz, por um ponto de vista em movimento e que, nesse estado, não tem outra escolha que não seja mediar o nexu estridente entre coisas visivelmente pouco conciliáveis. Formas geométricas e corpos informes, cheios e vazios, fragmentos e unidades, estatismo e movimento, manualidade e industrialidade, pura estética e alta funcionalidade aliam-se a uma vontade de deixar plasmada na superfície bidimensional das peças uma versão mais abstracta da ilusão da tridimensionalidade.

Desta instigada fusão resultam uma espécie de objectos biónicos, corpos de uma cibernética vernacular, produtos de uma psicadélia bastarda. Como se a pele da pintura se tornasse numa camuflagem a querer esconder a natureza, também ela mutante, daquilo que recobre... como se o conjunto destas peças fosse apenas um mostruário inicial dessa ampla capacidade de disfarce e mutação, e a experiência que delas fazemos se transformasse obrigatoriamente na busca detectivesca pela sua verdadeira identidade. E porquanto nos envolvêssemos nessa procura e perscrutássemos esses interstícios, talvez nos achássemos como que na encruzilhada delirante de uma narrativa de Thomas Pynchon ou no centro exuberante de um relato absurdo de Hunter S. Thomson.

Bruno Marchand

Piso 2



Escadas

Fecundação, 2019

Acrílico sobre madeira

4. *Cerne, 2019*

Técnica mista sobre madeira,
fita de cabeça

Sala 1

1. *Sem título, 2019*

Tinta da china sobre papel

2. *Sorriso estúpido, 2019*

Técnica mista sobre madeira,
marcadores, interruptores

3. *Sem título, 2019*

Tinta da china sobre papel

5. *Sem título, 2019*

Tinta da china sobre papel

Sala 2

6. *Sem título, 2019*

Tinta da china sobre papel

7. *Sem título, 2019*

Tinta da china sobre papel

8. *Sem título, 2019*

Tinta da china sobre papel

9. *Braços abertos, 2019*
Acrílico sobre madeira

10. *Parar para pensar, 2018*
Acrílico sobre madeira

11. *Sem título, 2019*
Tinta da china sobre papel

12. *Espasmo Quadrado 4, 2019*
Técnica mista sobre madeira

13. *Sem título, 2019*
Tinta da china sobre papel

14. *Noite Sémen Terra, 2019*
Acrílico sobre madeira,
ganchos

Sala 3

15. *Espasmo Quadrado 1, 2019*
Técnica mista sobre madeira

16. *Sem título, 2019*
Tinta da china sobre papel

17. *Espasmo Quadrado 3, 2018*
Técnica mista sobre madeira

Sala 4

18. *Auto-retrato, 2018*
Técnica mista sobre madeira

19. *Dirty rainbow, 2019*
Técnica mista sobre madeira

20. *Sem título, 2019*
Tinta da china sobre papel

21. *Apêndice, 2019*
Acrílico e tinta da china sobre madeira

22. *Sem título, 2019*
Tinta da china sobre papel

23. *Indústria interna, 2019*
Técnica mista sobre madeira, grelha de ventilação

Pedro Henriques nasceu em 1985 e estudou Pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Expõe regularmente desde 2008. Das suas recentes exposições, destaque para as apresentadas em espaços como Quartel da Arte Contemporânea de Abrantes - Coleção Figueiredo Ribeiro, Abrantes (2018); Národní Galerie, Praga (2017); Galeria Pedro Alfacinha, Lisboa (2016); Museu de Serralves, Porto (2014 e 2016). Editou dois livros, ambos chamados Sidewinder (2013 e 2015). Foi finalista do Prémio EDP Novos Artistas em 2013 e vencedor do Prémio Novo Banco Revelação 2014.

Arquitetura de exposição e montagem

Bruno Marchand

Eduard Kshannovskyy

Joana Leão

João Dourado

Leornado Lopes

N'ianzi Mbala

Sasha Rozhko

Tomé Coelho

Vitali Tkachuk

Manutenção

Maria Emília

Sambú Cassamá

Folha de sala

Design Sílvia Prudêncio

Texto Bruno Marchand e

Natxo Checa

Galeria Zé dos Bois

Rua da Barroca 59, 1200-047

www.zedosbois.org

De 14 de Maio de 2018 a 12 de Setembro de 2019

A ZDB é financiada pela República Portuguesa - Cultura / Direção Geral das Artes.
A ZDB tem o apoio da C.M.L. e do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social